

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLI

---

**O contributo da missionação para  
o estudo e a investigação da  
linguística**

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2020



# O contributo da missionação para o estudo e a investigação da linguística

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES†

Com a descoberta de Novos Mundos iniciou-se uma outra fase da história do cristianismo em que os dois países ibéricos ocuparam lugar de destaque. J.-Claude Margolin chama-lhe “tempos novos”, marcados por vários factores como o humanismo e a divulgação da tipografia. A missionação em moldes diferentes do que fora praticada desde os inícios do cristianismo constituiu um facto importante com consequências da maior relevância em muitos domínios. Era a primeira globalização que incluía também a Fé cristã. A Europa através dos missionários, portugueses, espanhóis e de outras proveniências, pertencentes às várias ordens e congregações religiosas (beneditinos, capuchinhos, carmelitas, dominicanos franciscanos, etc.) e também ao clero secular, levava às diversas partes do globo a mensagem da Boa Nova. Destacou-se neste processo ímpar da história a Companhia de Jesus (CJ) que, surgida pela inspiração de Inácio de Loiola, logo compreendeu a necessidade de renovar a metodologia teológica e de imprimir ao humanismo a vertente católica que o Concílio de Trento sancionou, muito contribuindo para a educação dos povos e para o progresso da ciência e da cultura<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Da vasta bibliografia sobre a missionologia referimos apenas alguns exemplos dando relevo à Companhia de Jesus (CJ): F. de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, 4 vols., Coimbra, 1910-1922; *Archivum Historicum SJ*, Roma, 1932-..., acompanhado de um *Index* 1-3; *Biographisch-bibliographisches Kirchenlexikon*, 1975-...; A. BRÁSIO, *Monumenta Missionaria Africana*, 11 vols., Lisboa, 1952-1971; ID., *O espírito missionário de Portugal na época dos descobrimentos*, Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1960; *Colóquio Internacional “O Humanismo Latino e as Culturas do Extremo Oriente”*, Macau 6-8 de Janeiro de 2005, Treviso: Fondazione Cassamarca, 2006; S. R. DALGADO, *Glossário luso-asiático*, introd. de J. M. Piel, Coimbra, 1919-1921, reed. Hamburg: Helmut Buske, 1928; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Academia das Ciências, 1983; H. BREMOND, *Histoire du sentiment religieux en France...*, 12 vols., Paris, 1911 com um *Index*, 1936; A. CARAYON, *Documents inédits concernant la CJ*, 23 vols., Poitiers, 1863-1886; *Congresso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas. Actas*, Universidade Católica Portuguesa – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – Fundação Evangelização e Culturas, 4 vols., Braga, 1993; A. G. DA CUNHA, *Notas ao glossário “luso asiático”*, Lisboa: *Bol. Soc. Língua Portuguesa*, n.º especial, 1, 1959; DAHLMANN, CH., *El estudio de lenguas y las misiones*, trad. J. Rojas, Madrid, 1893; *Diccionario Histórico de la CJ Biográfico-Temático* (DHCJ), ed. CHARLES E. O’NEIL, SJ, 4 VOLS., Institutum Historicum, SJ, Roma

O Padroado Português e o Espanhol e a Congregação da Fé (criados, respectivamente, em 1444 por Eugénio IV, em 18.8.1508 pela bula *Universalis Ecclesiae* e em 1622)<sup>2</sup> tiveram uma importância enorme, sendo de destacar Goa, sede do Patriarcado do Oriente. Era de Lisboa que embarcavam para os territórios da Coroa portuguesa os arautos do Evangelho inclusivamente os de origem estrangeira; estes para aprenderem o português e as Humanidades bem como os padres da Companhia geralmente estudavam no Colégio das Artes de Coimbra ou na Universidade de Évora<sup>3</sup>. Através da pregação, dos catecismos e da literatura em português e nas línguas indígenas os missionários foram ao encontro de civilizações, culturas e religiões até então praticamente desconhecidas no Velho

---

– Universidad Pontificia Comillas, Roma-Madrid, 2001; J. M.<sup>a</sup> DOMÍNGUEZ, “Misiones”, in DHCJ, III, 2696-2706. – A. FRANCO, *Imagem da virtude em o Noviciado da CJ no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, 2 vols., Évora, 1719; ID., *Imagem...de Évora*, Lisboa, 1714; ID., *Imagem...na Corte de Lisboa*, Coimbra, 1717; ID., *Synopsis annalium SJ in Lusitania (1540-1725)*, Augsburg-Graz, 1726; G. A. DE NAPOLI, “Linguística” que abrange a Ásia (Índia, China, Japão e Filipinas), a América Setentrional e a África, *ibid.*, pp. 2360-2366; G. A. C. DIAS, A evangelização: Portugal e a política externa da Igreja no séc. xv; F. GUERREIRO, *Relação anual das cosas que fizeram os padres da CJ nas suas Missões de Japão, China...e Brasil dos anos 1600-1609*, 3 vols., Coimbra, 1930-1942; *The Jesuits, Cultures and Arts 1540- 1773*, ed. J. W. O'MALLEY et. alii, Toronto, 1999; S. LEITE, *Historia da CJ no Brasil*, 10 vols., Lisboa-Rio de Janeiro, 1938-1950; J. LÓPEZ-GAY, “Misionología”, in *Diccionario Histórico de la CJ Biográfico-Temático*, dir. E. O'NEILL, SJ e J. M.<sup>a</sup> DOMÍNGUEZ, SJ, Institutum Historicum, S. J. e Universidade Pontificia vol. III, Comillas, 2001, 2696-2706; no mesmo artigo há outros na parte sobre “Encuentro com las religiones no cristianas del Oriente: Hinduismo por J. Wicki, o islamismo por Th. Michel, Budismo e Shintoismo por J. López-Gay; *Monumenta Historica SJ*, Madrid, 1894-1925, Roma, 1932; A. da S. REGO, *História das Missões do Padroado Português do Oriente: I. Índia (1500-1542)*, Lisboa: AGC, 1949; F. RODRIGUES, *A formação intelectual do jesuíta: leis e factos*, Porto: Livr. Magalhães e Moniz, 1911; ID., *História da CJ na Assistência de Portugal*, 7 vols., Porto, 1931-1950; J. SCHURHAMMER, *Gesammelte Studien*, 4 vols., Roma – Lisboa, 1962-1965; C. SOMMERVOGEL, *Bibliothèque de la CJ*, 11 vols., Bruxelas-Paris, 1890-1932, com o vol. 11 de suplemento; R. STREIT, *Bibliotheca Missionum*, 30 vols., Friburgo i. Br., 1916-1975; L. F. R. THOMAZ, “Missões”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira Azevedo, vol. J-P, Lisboa: Círculo Leitores-Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, 205-221; M. TEIXEIRA, *Macau e a sua diocese 14: Missões Portuguesas no Vietnam*, Macau, 1974-1976; *Theologische Realenzyklopädie*, 36 vols. + 5 de suplementos, VV., Berlin-Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1977-2004.

<sup>2</sup> Vid. *Bullarium Patronatus Portugaliae Regum in ecclesiis Africae, Asiae atque Oceaniae (1171-1700)*, ed. Visconde de PAIVA MANSO, 2 vols., Lisboa, 1868-1872; C. SAENZ DE ST. MARÍA e J. WILLIAM-J. M. DE MARCAS, “Patronato Espanol in DHCJ, op. cit., III, 3059-3062; Congresso Internacional de História «Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas». Actas, 4 vols., Braga, 199 A. SANTOS, “Padroado Português”, in DHCJ, op. cit., III, 2943-2945.

<sup>3</sup> Vid. M. MIRANDA, *Ratio Studiorum da CJ (1599). Regime escolar e curriculum de estudos*. Edição bilingue Latim-Português. Introdução, versão e notas.... *Ratio Studiorum, um modelo pedagógico* por J. M. M. LOPES S.J., Faculdade de Filosofia de Braga – Universidade Católica Portuguesa, Província Portuguesa da CJ: Edições Alcalá, 2008, 482 pp.

Continente<sup>4</sup>. Basta pensar no Oriente com o budismo, o hinduísmo e o shintoísmo. A fé que era o seu objectivo essencial associou-se a outras áreas que se revestem de enorme interesse: a linguística, a história, a sociologia, a cartografia, a geografia, as ciências, etc. Levavam consigo a cultura ocidental e traziam a cultura dos espaços onde se realizava a sua actividade evangelizadora.

Por isso os agentes da missão preocuparam-se também com a elaboração de gramáticas e dicionários que permitissem o contacto com as gentes das diversas regiões. Matteo Ricci insiste na necessidade de saber os idiomas indígenas. Pena é que se tenha perdido uma parte substancial do valioso património então criado. O seu estudo tem conhecido grandes progressos, em particular desde o séc. XIX. Edições fac-similadas e outras, congressos, investigações e comentários têm marcado o interesse que o legado deixado pelos missionários tem suscitado. É um campo vasto e por vezes de difícil execução, havendo ainda muito que explorar. Com a missão a partir do séc. XVI estava inaugurada uma nova etapa da história e lançadas as bases do que foi e continua a ser a vida dos povos por onde passaram os anunciadores da Palavra de Deus<sup>5</sup>.

Entre nós têm sido feitos gigantescos esforços por parte de instituições e de estudiosos para desenterrar do esquecimento muito material ainda por trabalhar e dele extrair as riquezas que encerram. O mesmo se pode dizer de outros países, do Brasil em especial, mesmo de alguns que não entraram propriamente no labor missionário. As questões surgidas com os ritos malabares e depois com os

---

<sup>4</sup> O assunto dos catecismos tem merecido dos especialistas e curiosos grande interesse de que é exemplo a publicação do monumental livro do Senhor P. JOSÉ BELINQUETE, *História da catequese em Portugal*, 2 vols., Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2011.

<sup>5</sup> Vid. M. C. D. M. BARROS, "A Linguística como padrão de escrita missionária", in *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 2 (1) 1996; ID., "Notas sobre os catecismos em línguas vernáculas das colónias portuguesas (séculos XVI-XVII)", in *Iberoromania*, ed. T. Brandenberger, T.-R. Eberenz, D. I. Klengel et alii: De Gruyter Mouton, 57, 1 (Março de 2003), 27-63 (a autora realça a importância do catecismo de Marcos Jorge e Inácio Martins como modelo da evangelização jesuítica); M. L. C. BUESCU, *O estudo das línguas exóticas no século XVI*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. "Biblioteca Breve", 1983; ID. (dir.) et alii, *Galáxia das línguas na época da Expansão: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*, 1992, 54-60; M. C. FONSECA, *Historiografia linguística portuguesa: o contributo do século XVII*; A. P. LABORINHO, «A questão da língua na estratégia da Evangelização», in *Macau*, 31, 1994, 66-72; T. VERDELHO, "Encontro do português com as línguas não europeias. Textos interlinguísticos", in *Encontro do português com as línguas não europeias. Exposição de textos interlinguísticos*, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1-60; ID.-A. I. L. MONTEIRO e M. REGO, "Catálogo", in *Encontro do português...*, op. cit., ibid., 63-99.

chineses e os casos de perseguições que fizeram muitos mártires são alguns entre os aspectos que ensombraram a missão em diversos momentos.

A obra de Otto Zwartjes, *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800* (Amesterdão/Filadélfia, 2011), é um exemplo entre tantos da importância dada à linguística missionária<sup>6</sup>. Zwartjes começa com uma introdução geral (c. 1), a que se seguem sete capítulos: sobre o subcontinente indiano com especial atenção para o tamil com Henrique Henriques, ao concanim com Tomás Estêvão, ao bengali com Manuel da Assunção, e ao marathi e ao hindi de anónimos (c. 2); sobre as linguísticas missionárias no Japão com relevo para João Rodrigues (c. 3); sobre o Brasil, com desenvolvimento para José de Anchieta, António de Araújo, Luís Figueira, uma gramática de autor anónimo e a gramática kiri de Mamiani (c. 4); e sobre as línguas africanas, com destaque para o capuchinho Giacinto Brusciotto (*Hyacinthus Brusciottus a Vetralla*) e a sua gramática de congo, e para Pedro Dias e um anónimo com “Arte da língua cafre” (c. 5); segue-se a parte relativa às gramáticas de árabe e de hebraico (c. 6); o livro encerra com uma conclusão em que sintetiza o que concerne à fonologia e à ortografia, à morfossintaxe (Índia, Japão, Brasil, África e um capítulo sobre o árabe e o hebraico), aos diversos aspectos da linguagem (adaptações do modelo tradicional e artigos), uma informação extra-gramatical sobre os dicionários e a pergunta: «A Portuguese tradition?» que se reveste de significativa importância (c. 7); em apêndice Zwartjes trata da lexicografia relativa aos capítulos mencionados; de relevar a secção de referências e os índices de nomes biográficos e de temas e termos.

No presente estudo, além dos catecismos incluímos outro material de índole filológico, que ajuda a compreender a dimensão religiosa da missão. Dado o grande número de textos, tivemos de sintetizar bastante. Continuaremos a trabalhar neste tema que oferece uma gama imensa de possibilidades que vão muito para além da Linguística. A filosofia e a teologia, a cultura e as mentalidades são alguns dos aspectos a considerar.

---

<sup>6</sup> O. ZWARTJES tem uma vasta e valiosa bibliografia sobre o tema da linguística de que destacamos: de colaboração com Evenhovdhaugen, eds., *Missionary Linguistics-Linguística Misionera I. Selected Papers II, from the First International Conference on Missionary Linguistics, Oslo, March, 13th-16th, 2003* (Amsterdão e Filadélfia: John Benjamins. *Studies in the history of the Language Sciences*, vol. 106); ...*from the Second International Conference on Missionary Linguistics, São Paulo, March, 10th-13th, 2004* (Id., vol. 109); III, ...*from the Third International Conference on Missionary Linguistics, Oslo, March, 12th-15th, 2005* (id., vol. 111).

## ÁFRICA<sup>7</sup>

Três gramáticas, todas elas do grupo bantu, merecem uma atenção especial: a de GIACINTO BRUSCIOTTO A VETRALLA (*Hyacinthus Brusciottus a Vetralla*), capuchinho italiano, elaborou a primeira gramática em bantu para o Reino do Congo que chegou até nós intitulada *Regulae quaedam pro difficilimi Congiensium idiomatis faciliiori captu ad grammaticae normam redactae* (Roma, Propaganda Fide, 1650)<sup>8</sup>; a de PEDRO DIAS SJ (1622-1700) elaborou no Brasil a segunda gramática em kimbundu, intitulada a *Arte da lingua de Angola...* (Lisboa: Miguel Deslandes, 1697); em 1715 saiu uma edição bilingue (português-kimbundu) da autoria do P. José Gouveia de Almeida com o título *Doutrina cristã acrescentada com alguns documentos*<sup>9</sup>; Pedro Dias seguiu o modelo de Manuel Álvares como se vê pelo exemplo em nota sobre as três regras de sintaxe<sup>10</sup>; e a de um jesuíta anónimo do

<sup>7</sup> Vid. E. BONVINI, "Repères pour une histoire des connaissances linguistiques des langues africaines". I. Du XVe. au XVIIIe siècle: dans le sillage des explorations", in *Histoire Epistémologie Langage*, 18-2, 1996, 127-148; G. Moser, "The Portuguese in Africa", in Albert S. Gérard, ed., *European Languages writing in Sub-Saharan Africa*, 2 vols., Budapest, 1986; F. L. de FARIA, Introd. bibliográfica ao livro Cavazzi, *João António, 1622-1678. Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*, trad., notas e índices pelo P. G. M. de Leguzzano, 2 vols., Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965; ID., "Os Capuchinhos em Portugal e no Ultramar português", Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1982, 4 p. + 161-180 *Anais Academia Portuguesa de História*, 2.ª série, 27; ID., "Os Barbadinhos italianos em S. Tomé e Príncipe de 1714-1749", Lisboa, 1955. Separata de *Portugal em África*; ID., "A primeira tentativa para os Capuchinhos missionarem no Congo", in *Itinerarium*, ano II, 1956, n.º 8; ID., "O primeiro impresso sobre os capuchinhos no Congo?", in *Portugal em África*, n.º 54, Lisboa: Liam, 1952; ID., "A situação de Angola e Congo apreciada em Madrid, em 1643", in *Portugal em África*, n.º 52, Lisboa: [s.n.], 1952; ID., "Os primeiros missionários do Maranhão: achegas para a história dos capuchinhos franceses que aí estiveram de 1612 a 1615", Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1961; ID., *Os documentos mais antigos que se conservam escritos pelos portugueses na Índia*, Lisboa, 19; L. DE SAINTMOULIN, "Congo", in DHCI, 902-907.

<sup>8</sup> Zwartjes tece considerações apreciáveis sobre as *Regulae* de Brusciotto relativamente à fonologia, à morfossintaxe, à morfologia e à sintaxe, o mesmo fazendo relativamente a outros autores. Vid. C. M. BOKE, "Early bantu literature – The age of Brusciotto", in *African Studies*, 18, n. 2, 1959.

<sup>9</sup> Há ainda uma ed. facs., Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2006; e a sua publicação por José Barbosa Machado, Edições Versal, s.d.; – Vid. M. C. ROSA, *Uma língua africana no Brasil. Colónia de Seiscentos*, Rio de Janeiro, Faperj, 7 Letras, 201; ID., "A Arte da Língua de Angola (1697) e a gramática latina de Manuel Álvares (1572)", in *Revista Eutomia*, ano III, 2, Dezembro de 2010.

<sup>10</sup> Manuel Álvares: «*Verbum personale finiti modi antecedentit nominatiuus apertè, vel occultè eiusdem numeri, & persone*»; – Pedro Dias: «*Regras do Nominativo. Verbum personale, &c. Todo o verbo pessoal nesta língua tem seu nominativo claro, ou occulto...*»;

<sup>M. A.</sup>: «*Prima, & secunda persona ferè non explicantur, nisi cum diuersa studia significamus*»; P. D.: «*Prima, & secunda persona, &c. A primeira, & segunda pessoa poem-se claramente, quando diversas pessoas mostrao contrarios desejos...*»;

séc. XVIII, *Arte da Língua Cafre*, em sena ou xisena, que é uma das linguas bantus mais falada em Moçambique.

Entre os autores de catecismos, além de GASPAR DA CONCEIÇÃO, religioso franciscano, que foi o primeiro a escrever em língua bantu um trabalho para fins evangélicos, salientamos: FRANCESCO (FRANCISCUS) PACCONIO e ANTÓNIO COUTO SJ editaram em Luanda, em 1642, o primeiro catecismo bilingue (português-kimbundu), composto por ele e pelo seu companheiro ANTÓNIO DO COUTO SJ, que nasceu em Angola, escreveu *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé...* (1642). ANTONIO MARIA do MONTE PRANDONE AMICI (Monte Prandone 1607-1687), padre capuchinho, que escreveu, passados quase vinte anos, a reedição da obra de Pacconio de 1642 com o acrescentamento da versão latina e a distribuição do texto em três colunas: latim, kimbundu (Angolano) e português<sup>11</sup>. – MATEUS CARDOSO SJ (1524-1571) compôs a *Carthila da doutrina cristã em língua do Congo, por ordem do P. Mattheus Cardoso theologo, da Companhia de Iesu. por ordem do P. Mattheus Cardoso theologo, da Companhia de Iesu... acrescentada pelo padre Ignacio Martinz, da mesma companhia doctor theologo de novo traduzida na lingua do Reyno de Congo*, Évora, 1555. Serviu-se da *Doutrina christã...* de MARCOS JORGE SJ (1524-1571) e INÁCIO MARTINS SJ (1531-1598) (Lisboa: Geraldo da Vinha, 1624).

### AMÉRICA LUSÓFONA – BRASIL<sup>12</sup>

Há a registar cinco gramáticas: três em tupi (duas em tupinambá de Anchieta e de Figueira e uma na língua geral da amazónia de anónimo conservada em ms.

---

<sup>10</sup> A.: «*Aut cum plus significamus, quam dicimus (...) Tu, innocentior, quàm Metellus?*»; P. D.: «*Aut cum plus significamus, &...*» (M. A. 108r-108v; P. D. 33-34).

<sup>11</sup> Há ainda a registar outras obras e escritores: Boaventura da Sardenha e Bernardo Maria de Canneatti.

<sup>12</sup> Vid. M. C. D. M. BARROS, “A relação entre manuscritos e impressos em tupi como forma de estudo da política lingüística jesuítica no século XVIII na Amazônia”, in *Revista Letras*, Curitiba, n.º 61, especial, pp. 125-152, 2003 (na introdução lê-se: «O objetivo será analisar um conjunto de catecismos, gramáticas e dicionários manuscritos em tupi do século XVIII como espaço de ação da política jesuítica de standardização nesta língua. Estamos definindo esta política como o processo de fixação, no interior da CJ, de um repertório valorizado de formas, léxicos e enunciados em tupi identificados pelas obras impressas, tais como as gramáticas de José de Anchieta (1990) e de Luis Figueira (1621; 1687) e os catecismos de António de Araújo (1618; 1686) e Filipe Bettendorff (1687). Esta situação de standardização do tupi no século XVIII na Amazônia pode ser encontrada no relato do jesuíta João Daniel...»); *Monumenta Brasiliae*, 5 vols., Roma, 1956-1968.

em Coimbra; a quarta em kipeá-kiriri de Mamiani; informações fonológicas dos prólogos de dois catecismos: um em tupinambá de Araújo e outro em kipeá-kiriri de Mamiani. – O BEATO JOSÉ DE ANCHIETA SJ (1534-1597) escreveu várias obras, como *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (Coimbra, 1595; Rio de Janeiro, 1933)<sup>13</sup>; e *Doutrina cristã. I. Catecismo brasileiro. 2. Doutrina autógrafa e Confessionário*, ed. A. Cardoso (São Paulo, 1992). – LUÍS FIGUEIRA (ca. 1575-1643) escreveu *Arte da Língua Brasilica* (tupi-guaraní), Lisboa, 1621, que nas edições seguintes aparece como *Arte da Grammatica...*, 7.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, 1880<sup>14</sup>, sendo considerada muito perfeita. – LUIGI VINCENZO MAMIANI DELLA ROVERE SJ (1652-1730) publicou em kiriri *Arte de grammatica da lingua brasilica da Naçam kiriri* (Lisboa, Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1877; desta obra existe uma tradução alemã de 1852: *Grammatik der kiriri-Sprache*, publicada em Leipzig por H. C. von der Gabelentz, que foi editada no Rio de Janeiro em 1877); *Catecismo da doutrina christã na lingua brasilica da nação kiriri* (Lisboa: Miguel Deslandes, 1698; ed. moderna, Rio de Janeiro, 1942, com ‘explicação’ introdutória de Rodolfo Garcia); em 1706, Mamiani publicou em Roma *Concordia doctrinae probabilistarum cum doctrina probabilioristarum* (2.<sup>a</sup> ed., Roma, 1708)<sup>15</sup>. – ANTÓNIO DE ARAÚJO SJ (1556-1632), um dos missionários SJ que melhor conhecia o tupi, escreveu *Catecismo na língua brasílica*, Lisboa:

<sup>13</sup> O centenário da morte de Anchieta foi condignamente celebrado nas Canárias, em Portugal e no Brasil. – Vid. *Anchieta em Coimbra: Actas do Congresso Internacional Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*, coord. S. T. de PINHO, L. N. FERREIRA, 3 vols., Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000.

<sup>14</sup> LUÍS FIGUEIRA SJ (Almodóvar, ca. 1575-Ilha de Marajó, Brasil, 3.6.1643), missionário, filólogo e vítima de violências, estudou em Évora e saiu para o Brasil em 1602. Escreveu da Baía a carta bienal de 1602-1603 e depois de aprender a língua tupi seguiu para o Maranhão, onde foi atacado pelos nativos inimigos pelo que teve de regressar a Pernambuco. Aqui exerceu vários cargos e dedicou-se à pregação. Voltou ao Maranhão onde desta vez foi bem-sucedido. Depois de uma estadia em Portugal regressou ao Brasil onde havia de fundar várias missões, mas o navio naufragou e foi ter a uma ilha onde viria a ser morto pelos indígenas. – Vid. S. LEITE, 8, 234-240. Publicou ainda *Memorial sobre as terras e gente do Maranhão, Grão Pará e Rio das Amazonas*, Lisboa, 1637.

<sup>15</sup> Relativamente às fontes da sua gramática é certo que Mamiani seguiu Manuel Álvares, mas é de ter em consideração que tendo sido educado em Veneza conheceu outras fontes como os textos de Donato, Veronese, Mancinelli e Lorenzo Valla, este autor o mais reputado ao tempo, que escreveu *Elegantiae linguae Latinae, Collatio Novi Testamenti, Ars Grammatica, etc.* Mamiani apresenta semelhanças com Manuel Álvares como se pode ver por este exemplo sobre o pronome relativo: M. A.: «Relativum est, quod nomen antecedens in memoriam reducit: id duplex est substantiae, & accidentis»; M.: «O Nome relativo he o que reduz á memoria o nome Substantivo, de que se falou, como no Latim Qui, Quae, Quod». – Também quanto às subcategorias das conjunções sucede o mesmo: M. A.: «Copulative, Disiunctivae, Aduersativae, Collectivae siue illativae, siue rationales, Causales, Expletivae»; M.: «Conjunções copulativas, disjuntiva, causales, adversativas, collectivae ou illativae».

Pedro Crasbeeck, 1618<sup>16</sup>. – BERNARDO DE NANTES, capuchinho, escreveu *Katecismo indico da lingua kariris* (Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1709). – JEAN-PHILIPPE BETTENDORFF SJ (1625-1698), o grande missionário do Maranhão, escreveu *Compendio da Doutrina Christam* (bilingue), Lisboa, 1678 e *Chronica da Missão dos Padres da CJ no Estado do Maranhão*, Rio de Janeiro, 1910<sup>17</sup>.

## ÁSIA<sup>18</sup>

### China<sup>19</sup>

Francisco Xavier morreu quando se preparava para entrar na China, mas o plano de penetrar no país manteve-se<sup>20</sup>. MATTEO RICCI SJ (em chinês Li Mandou

<sup>16</sup> Reed. facs. da 1.ª ed. (1618), Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1952. Vid. M. C. D. M. BARROS, “Os línguas e a gramática tupi no Brasil (século XVI), in *Actes: La “découverte des langues et des écritures d’Amérique”*.”

<sup>17</sup> Vid. K. H. ARENZ, *De l’Alzette à l’Amazone: Jean-Philippe Bettendorf et les jésuites en Amazonie portugaise* (1661-1693). Publications de la section historique et de l’Institut G.-D. de Luxembourg (Société Archéologique du Grand Duché. Sous le protectorat de son Altesse Royale le Grand-Duc de Luxembourg, vol. CXX, Lux. 2008. Thèse soutenue à l’Université Paris IV-Sorbonne; F. LEITE DE FARIA SCP, *O Padre Bernardo de Nantes e as missões dos capuchinhos franceses na região do Rio S. Francisco*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1965. JULIUS PLATZMANN editou em fac-sim. o *Catecismo da lingua kariris*, Leipzig: Teubner, 1896.

<sup>18</sup> Vid. *Bibliotheca Asiatica 2: The Catholic Missions in India, China, Japan, Siam and the Far East*, n. 455, Londres, 1924.

### OUTROS PAÍSES DO ORIENTE

A acção evangelizadora dos portugueses fez-se sentir noutras regiões como na Etiópia (salientaram-se o bispo Afonso Mendes SJ e os padres João Nunes Barreto e Luís de Azevedo SJ), na Arménia (O P. MANUEL PINHEIRO (1556-1619) compôs o *Livro dos Evangelhos* (Lahore, 1607). – Sobre as relações com a Arménia e a Pérsia, vis. os valiosos estudos de Roberto Gulbenkian, em Anamae-Vietnam, Camboja, Cochinchina (destaque para ALEXANDRE DE RHODES (Avinhão, ca. 1583-Isfaão, 1660) escreveu *Catechismus pro iis qui volunt suscipere baptismum in octo dies divisus*, Roma: Congregação de Propaganda Fide 1651, reed. Saigão, 1651; *Dictionarium annamiticum lusitanum et latinum* ao qual acrescentou *Linguae annamiticae seu Tunchnisensis brevis declarativo* (1651) e várias obras de carácter histórico); na Coreia, Mongólia, Tibete (sobressaiu ANTÓNIO DE ANDRADE SJ (1580-1634) que deixou a importante obra *Novo descobrimento do Gram Cathayo, ou Reinos de Tibet*, Lisboa: Pinheiro Mateus, 1624).

<sup>19</sup> H. CORDIER, *Bibliotheca Sinica*, 5 vols., Paris, 2.ª ed., 1904-1924; ID., *L’Imprimerie sino-européenne en Chine (XVIIe et XVIIIe siècles)*, Paris, 1901; J. DEHERGNE, *Répertoire des Jésuites de Chine de 1552 à 1800*, Roma, 1973; *Documenta Indica*, ed. J. WICKI, Roma, 1948-1988; *Fonti Ricciane. Documenti originali concernenti Matteo Ricci e la storia delle prime relazioni tra l’Europa e la Cina*, ed. P. d’Elia, 3 vols., Roma, 1942-1949; J. PFISTER, *Notices historiques et bibliographiques sur les Jésuites de Chine 1552-1773*, 2 vols., Shanghai, 1932-1934; *Sinica Franciscana*, 8 vols., Florença, 1929-1975, J. SEBES e J. WITEK, “China”, in DHCI, I, 776-787.

<sup>20</sup> Seguiram-se Melchior Nunes Barreto, Francisco Pérez e Manuel Teixeira, mas a dinastia Ming (1368-1644) mostrava-se intransigente quanto à sua entrada. Alesandro Valignano, visitador na Ásia, abriu em 1578

sobressaiu entre todos por várias razões<sup>21</sup> e escreveu uma vasta obra, 290 livros científicos e não científicos, que damos alguns exemplos: *Mappamondo* ou *Yudi shanghai quantu*; traduziu os *Quatro livros de Confúcio* do chinês para latim (*Tetrabilion sinense de moribus*); *Jiaoyoulun* sobre a amizade, o seu primeiro livro em chinês, 1595; *Xiguo jifa* (“Sobre a memória local”); dicionário chinês que se perdeu; *Dicionário Português-Chinês* (1583-1588), obra conjunta com Miguel Ruggieri; considerado o primeiro dicionário sino-europeu, que só foi redescoberto nos Arquivos jesuítas de Roma em 1934 e publicado em 2001: *Dicionário Português-Chinês*: 葡汉辞典 (*Pu-Han cidian*): *Portuguese-Chinese dictionary*, ed. JOHN W. WITEK, Lisboa: Biblioteca Nacional; *Explicação dos dez mandamentos* (*Shiu-Hing ou Zhaoqing*), 1584 (uma obra conjunta com Miguel Ruggieri); *Verdadeira noção de Deus*, Nanchang, 1593-1596 (Pequim, 1603, reimpr. em Macau e traduzido para coreano, japonês, francês, e introduzido em Tonquim (Norte do Vietname); *Tratado sobre a Amizade*, Nanchang, 1595 (que traduziu em italiano e foi publicado em Macerata, 1885); *Vinte e cinco sentenças que contêm a essência moral cristã*

---

o caminho, enviando Michele Ruggieri e Matteo Ricci que usaram as vestes de monges budistas. Depois de Montecorvino iniciavam-se os contactos com o Império do Meio. Ricci quis libertar o cristianismo dos elementos não cristãos da cultura ocidental e apresentá-lo não como uma religião do Ocidente, mas como uma religião universal válida para todos, dando provas evidentes da necessidade da inculturação que a questão dos ritos veio a condenar. A 11 de Maio de 1610, Ricci morre aos 57 anos em Pequim, depois de uma breve doença. O imperador concede-lhe o privilégio de ser sepultado na capital, o que acontece pela primeira vez na história da China. O seu túmulo encontra-se no cemitério de Zhalan, perto do Colégio Administrativo de Pequim, nas imediações do Templo dos Cinco Pagodes. Em 2001, no 4.º centenário da chegada de Ricci a Pequim, João Paulo II afirmou: «O túmulo do padre Matteo Ricci em Pequim lembra-nos o grão de trigo que é lançado à terra para produzir fruto abundante. Isto constitui um apelo eloquente, seja a Roma seja a Pequim, a retomar o diálogo iniciado há 400 anos com tanto amor e acontecimento». Os anos de crescimento foram entre 1610 e 1665. Ricci servia-se dos termos *Tian* (Céus) e *Shangdi* (Altíssimo Senhor), revelou um grande interesse pelas ciências e foi bem recebido na corte e pelos cientistas chineses sempre norteado pelo apostolado intelectual. Johann Adam Schall e Nicolas Trigault foram outros jesuítas que se evidenciaram então. O apostolado intelectual era uma realidade. Ao florescimento apostólico (1669-1707) e ao grande interesse de Verbiest pelas Matemáticas seguiu-se a decadência (1707-1773). Ao ser restaurada a SJ em 1814 os inicianos regressaram em 1841. Trad. it., dir. P. CORRADINI, pref. F. MIGNINI, coord. M. Del GATTO, Macerata: Quodlibet, 2.ª ed. 2006.

<sup>21</sup> MATTEO RICCI (Macerata, 6.10.1552-Beijing/Pequim, 11.5.1610) passou por Coimbra e chegou a Macau a 7.8.1582. Em Macerata foi criado o Centro de Estudos Li Madou. Associação para a investigação filosófico-teológica por ocasião do IV Centenário da Morte de Matteo Ricci SJ, o qual tem desenvolvido uma fecunda actividade procedido à edição de obras do ilustre missionário e de estudos sobre o seu pensamento e à realização de actos culturais importantes. Há centros semelhantes em várias cidades como em Macau, Pequim e Paris. Vid. J. SEBES “Ricci, Matteo”, in DHCI, IV, 3351-3353; FILIPPO MIGNINI, *Padre Matteo Ricci. L'Europa alla corte dei Ming*, Milão: Mazzotta, 2005.

(Pequim, 1604); *Dez sentenças paradoxais* (Pequim, 1608); *Disputas contra seitas da idolatria* (Pequim, 1609); *Vantagens do jejum e nove virtudes necessárias aos sacerdotes que querem* (dois opúsculos num volume). *Della entrata della Compagnia di Gesù e Christianità nella Cina*)<sup>22</sup>; com LAZZARO CATTANEO elaborou *Vocabularium, ordine alphabeticum Europeorum more concinnatum et per accentus suos digestum.*, etc. – Outros autores: FERDINAND VERBIEST compôs uma gramática manchú, *Elementa linguae Tartaricae*. – NICOLAS TRIGAULT *Xi ru ermu zi* (“Ajudas audiovisuais para aprender chinês”) que causou enorme admiração nos meios chineses. – ÁLVARO SEMEDO SJ: *Dicionário chino-português português-chino; Relação da propagação da fé no Reyno da China, que trata da história, filosofia, religião e língua* (Madrid, 1641, que foi impressa em várias línguas (reed. em Macau, 1956); e *Imperio de la China* (Madrid 1642, trad. *Histoire universelle du grand Royaume de la Chine*, Paris, 1996)<sup>23</sup>. – RUGGIERI foi o autor do primeiro catecismo chinês em que colaboraram Ricci e Pedro Gomes; foi o primeiro livro impresso na China com caracteres chineses (1584), *xin bian xizhu guo tian zhu shi lu* (1584) ou *tianzhu shilu* (em latim *Vera ac brevis divinarum rerum expositio*, 1584).

### Índia<sup>24</sup>

ANRIQUES (HENRIQUES) ANRIQUE (HENRIQUE) SJ (1520-1602), provavelmente o primeiro europeu que escreveu em tamil que dominava perfeitamente. Escreveu uma gramática e um dicionário, hoje perdidos<sup>25</sup>. Henrique foi

<sup>22</sup> *Della entrata della compagnia di Gesù e Christianità nella Cina*, Pechino, 1609 (*Opere storiche del P. Matteo Ricci, SJ*, ed. P. TACCHI-VENTURI, Macerata, 1911-1913; *Lettere*, Macerata: Quodlibet, 2001).

<sup>23</sup> ÁLVARO SEMEDO (Nisa 1585-Guangzhou-Cantão 1658).

<sup>24</sup> Vid. D. FERROLI, *The Jesuits in Malabar*, 2 vols., Bangalore, 1939-1951; S. GONÇALVES, *Primeira parte da Historia dos Religiosos da CJ e do que fizeram nos reynos e províncias da India Oriental*, ed. J. Wicki, 3 vols., Coimbra, 1957-1962; J. H. DA C. RIVARA, *Ensaio histórico da língua concani*, Nova Goa; traduzido do português, por Fr. T. Lobo, *Historical Essay on the Konkani Language*, Priookar, 1958, 149-236; JOSEPH L. SALDANHA, “Thomas Stephens”, in *Catholic Encyclopedia*, 14, M. SALDANHA, “História de gramática concani”, in *Bulletin of the School of Oriental Studies*, 8:2/3, 715-735.

<sup>25</sup> ANRIQUE ANRIQUES (Vila Viçosa, 1520-Punnaikayal, Tamil Nadu, 1602) estudou em Coimbra e por ordem de Simão Rodrigues partiu de Lisboa com nove jesuítas para a Índia em 8. 4. 1546. Francisco Xavier destinou-lhe a missão de Pesqueria. O tamil, a mais antiga das quatro línguas dravidianas da Índia, é falada no Estado de Tamil Nadu por 85% da população, cerca de 40 milhões de pessoas, mais 4 milhões noutras regiões da Índia. Também é falado no Sri-Lanka por cerca de 5 milhões de pessoas numa população de 16

missionário durante mais de 50 anos na costa da Pesqueria conseguiu com a ajuda do primeiro índio jesuíta, traduzir para malabar um catecismo maior e outro menor, muito melhores e que foram impressos, baseados na obra de Marcos Jorge SJ, em 1622, foi impressa em Rachol a doutrina cristã em língua concani, traduzida por Tomás Estêvão<sup>26</sup>. Entre outros jesuítas que se evidenciaram na Índia conta-se ROBERTO DE NOBILI (Roma, 1577-Madrás-Chemas (Tamil Nadu).

Anriques com a colaboração de Manuel de S. Pedro verteu para tamil o livro *Doctrina Christiana*, Coulaão, 1579, *Doctrina Christãa, a maneira de Diálogo*; Cochim, 1579. Em tamil Henrique Henriques: *Arte malauar*, 1549<sup>27</sup>; também compôs um *Vocabulário da lingua malabar* que continua manuscrito. Foi um dos primeiros a compor (1569) uma gramática concani em Goa que devia ser concluída, o que não aconteceu.

Outras gramáticas de tamil: GASPAR DE AGUILAR SJ, *Arte Tamul, vive instituto grammaticae Malabaricae, idiomate lusitanico ex maiori Opere P. Casp. D'Aguiar Soc. Jed. Confecta, quod ex praefatione patet*, citada por Sommervogel e outros. – ANTÃO DE PROENÇA SJ (1625-ca.1666) um dicionário tamil com uma gramática apensa por Baltazar da Costa (ca. 1610-1673)<sup>28</sup>. – THOMAS STEPHENS ou TOMÁS ESTÊVÃO SJ (1549-1619)<sup>29</sup> – compôs *Arte da lingoa canarim composta pelo*

---

milhões. É a língua oficial de Singapura e doutros países ainda. Calcula-se em 55 milhões o número total de falantes.

<sup>26</sup> A tipografia teve um papel importante em Goa, em Macau, no Japão e noutras cidades de que lembramos alguns casos. Em Goa, a *Doutrina Christãa* (1561), o *Colóquios dos simples e drogas* de Garcia de Orta (João de Endem, 1563) e *De missione legatorum* (1592); no Japão, o *O Guia do pecador* de Luis de Granada (1599), a gramática latina de Manuel Álvares (1593), o *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum, ex Ambrosii Calepini volumine depromptum...* (1594) e a *Imitação de Cristo* (1596), – Vid. Vid CH. BOXER, “*Alguns aspectos da influência portuguesa no Japão: 1542-1640*”, Instituto Cultural de Macau (existe versão em chinês e em inglês; “Portugal e o Japão: séculos XVI e XVII: o retrato do encontro”, In *Revista de cultura*, n.º 17 (Outubro/Dezembro 1993), 73-100 (reed. em 1989, em facs. pela Fundação Oriente e Centro de Estudos Marítimos de Macau); etc.; J. BRAGA; “Primórdios da imprensa em Macau”, in *Boletim Eclesiástico de Macau*, 1965; E. SPRINGHETTI, “La Grammatica di Emmanuele Alvares”, SJ, in *Humanitas*, XIII-XIV, Coimbra, 1961-62 (o livro escrito por um português com mais edições); *The transactions and Proceedings of ther Japan Society of London*, XXXIII, Londres: Japan Society of London, Kegan Paul, Trench, Trübner and Company, 1934.

<sup>27</sup> Ed. crítica em inglês por H. J. VERMEER (ed.), trad. A. MORATH-J. GROOS, *The first European Tamil Grammar*, Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1982 (baseada no cód. 3141 da BNL).

<sup>28</sup> ANTÃO DE PROENÇA SJ (Ramela, 1625-Tociam, 14.12.1666) entrou para a Companhia a 13.7.1643 e seguiu depois para a missão de Madura em 1647.

<sup>29</sup> TOMÁS ESTÊVÃO ou STEPHENS SJ (Bushton, Wiltshire, Inglaterra, c. 1549- Salsete, Goa, 1619) estudou em Oxford tendo-se convertido ao catolicismo. Em Roma entrou para a SJ e estudou no Colégio Romano. Embarcou de Lisboa para a Índia em 4.4.1579 e aqui, depois de estudar teologia durante quatro

padre – & acrescentada pelo Padre Diogo Ribeiro da mesma Cõpanhia. E nouamente reuista & emendada por outros quatro Padres da mesma Companhia (Rachol, Goa: Colégio de S. Inácio da CJ, 1640) que foi a primeira que se imprimiu numa língua da Índia<sup>30</sup>; *Grammatica da Lingua Concani* (Nova Goa, 1859); *Discurso sobre a vinda de Jesus Christo Nosso Salvador ao Mundo* (Rachol, 1616); *Kristpurân* (Pune, 1956)<sup>31</sup>; *Doutrina christam em lingoa Bramana-Canarim...* (Rachol: Collegio de Rachol da CJ, 1622)<sup>32</sup>.

Outros catecismos e gramáticas: as cartilhas em tamil de Roberto Belarmino e de Inácio Martins para concanim; gramáticas em concanim: uma de 1560 por um irmão do Colégio de S. Paulo; de autor anónimo: *Arte Canarina na língua do Norte* do séc. xvii por um franciscano ou jesuíta de Thaná, ilha de Salsete segundo M. Saldanha; Gaspar de S. Miguel (ca. 1595-1647) com *Sintaxis copiozissima na Lingoa Bramana e Pollida*. De notar que havia uma distinção: os catecismos que seguiam em linhas gerais o Concílio de Trento e os que foram elaborados de acordo com os povos evangelizados.

MANUEL DA ASSUNÇÃO OESA (1598-1633/4) compôs *Vocabulario em Idioma Bengala e Portuguez* (Lisboa: Francisco da Silva, Livreiro da Academia Real e do Senado, 1763), que foi o primeiro dicionário com gramática em escrita latina da língua bengali; e compôs ainda um catecismo intitulado *Doutrina christãa. Ordenado por modo de Dialogo em Idioma Bengalla e Portuguez* (Lisboa). Em bengali: MANUEL DA ASSUNÇÃO OESA 1743 “Breve Compendio da Grammatica

---

anos, dedicou-se à missão em Salsete (foi superior da comunidade local (1590-1596) e mais tarde em Mormugão dominava a língua canarina pelo que a sua fama chegou a Inglaterra.

<sup>30</sup> DIOGO RIBEIRO (Tomar, verão de 1561-Goa, 18.6.1635) foi professor de Gramática e em 1587 estava em Bassein onde ensinou as crianças indígenas. Foi missionário da península de Salsete e conhecia bem a língua konkani, tendo traduzido para esta língua em estilo elegante o *Flos sanctorum* de Pedro de Ribaneira e o *Catecismo maior* de Roberto Belarmino.

<sup>31</sup> Vid. A. K. PRIOLKAR, *The Printing Press in India*, Bombaim, 1958; Mumbai, 1996.

<sup>32</sup> Ed. facs. por M. SALDANHA, *Doutrina Cristã em língua Concani* (Lisboa, 1945), 55-90 (transc. em caracteres Devanagari, intr. e notas de A. K. Priolkar (Pune, 1965). – As suas cartas foram editadas por Schurhammer e por Manuel Saldanha e em *Documenta Indica*. A edição de *Kristpurân* (1616), poema épico, considerado uma jóia literária, que se lia nas igrejas depois das missas de domingo e dias festivos. Inspirava-se nos purânas hindus que contavam de forma épica a origem do mundo e do homem, a vinda dos deuses e as suas aventuras amorosas. Constava de 11.018 estrofes de 4 versos, dividida em at e nt, cujo tema principal era a redenção do homem por Cristo da escravidão de Satanás. Por vezes incluíam materiais apócrifos, cheios de colorido oriental; um brâmane colocava dificuldades e um padre guru que respondia. Foram cantadas até 1930.

Bengali”, in *Vocabulario em Idioma Bengali e Portuguez*, 1-40 (Lisboa: Francisco da Silva, Livreiro da Academia Real e do Senado); e *Doutrina christã. Ordenado por modo de Dialogo em Idioma Bengalla, e Portuguez* (Lisboa, 1763)<sup>33</sup>.

## Japão<sup>34</sup>

JOÃO RODRIGUES SJ (TSÍZU ou TÇUZU) (“o intérprete”) deixou: *Arte da Lingoa de Iapam (Nihon-dai bunten)*, a primeira gramática em japonês da língua japonesa (Nagasaqui: Colégio de Japão da Companhia de IESVA (1604)<sup>35</sup>; *Arte Breve da Lingoa Iapoa tirada da Arte Grande...* (Amacusa: Colégio Da Madre de Deus da Companhia de Iesv (1620)<sup>36</sup>; *História da Igreja no Japão, em que incluiria também*

<sup>33</sup> MANUEL DA ASSUNÇÃO (Sernancelhe, 1558, 1560 ou 1561-Macau, 1633 ou 1634), grande escritor que deixou obras sobre linguística, história, cultura, geografia, costumes, viveu em Nagri (Gazipur). Em 1742, foi nomeado reitor da Igreja de S. Nicolau Tolentino do chamado Reino de Bengala.

<sup>34</sup> Vid. *Documentos del Japón...*, ed. J. RUIZ DE MEDINA, Roma, 1990-1995; L. Fróis, *Historia de Japam*, ed. J. Wicki, 5 vols., Lisboa, 1976-1984; *Monumenta Historica Iaponiae*, 3 vols., Roma, 1990-1995; J. RUIZ-DE-MEDINA e P. PFISTER, “JAPÓN”, in DHCI, 2130-2138; DUARTE DE SANDE SJ, *Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, 2 vols. (Colóquios I-XVIII e XIX-XXXIV). Série Portugaliae Monumenta Neolatina. Coordenação científica APENEL (Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos). Prefácio, tradução e comentários de A. C. RAMALHO. Estabelecimento do texto latino por S. T. de PINHO. Coimbra: Imprensa da Universidade, Fevereiro 2009. SANDE tinha o nome japonês de Ninghuan Meng.

<sup>35</sup> Ed. facs. por T. DOI (Tóquio: Bensheisha, 1976); *Nippon Daibunten* (Tóquio, 1955); há também uma ed. facs. do original existente na Biblioteca Nacional da Ajuda, acompanhado da transcrição e tradução japonesa de H. HIROSHI, Tóquio: Shin-Jinbutsu-Ôrai-Sha. Da *Arte Breve* foi editada em facs. com tradução, Lisboa-Tóquio, 1993. O *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Japonicum ex Ambrosii Calepini volumine depromptum*, Amacusa, 1595, em ed. facs., Tóquio, 1953 et 1979, erroneamente atribuído a Rodrigues, serve-se de Calepino (1440-1510) e foi estudado por vários autores como Kishimoto, Messner e Boxer. Elaborado por vários compiladores, podem ter estado na sua origem Manuel Barreto, Bento Pereira ou Jerónimo Cardoso. – Vid. M. COOPER, ed., *João Rodrigues's Account of sixteenth century Japan*, Londres: The Hakluyt Society, 2001; ID., “Rodrigues in China: The Letters, 1611-33”, trad. Kokugoshi e no Michi, Tóquio, 1981; M. E. B. de SÁ, “A Arte da Lingoa de Iapam de João Rodrigues ‘Tçuzzu’”, in *Cadernos do CNLF*, XIV, n. 4, t.3. – A propósito lembramos AMARO DE ROBOREDO, autor de vários livros sobre a língua latina (como a *Verdadeira grammatica latina...* e o *Methodo gramatical para todas as línguas*), ao qual se têm dedicado Gonçalo Fernandes, Rogério Ponce de Leão e Carlos Assunção, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. O grande especialista em Linguística, Telmo Verdelho, escreveu o importante estudo “O Calepino em Portugal e a obra lexicográfica de Amaro Reboredo”, in *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXIII, 1999-2000, p.125-149.

<sup>36</sup> João Rodrigues deve ter-se servido de Manuel Álvares (1594) que é mencionado juntamente com Nebrija como se vê neste exemplo: «...E péra se entender do rayz a natureza desates verbos, apontarey aqui do Padre Manuel Álvares & do Antonio o que apontão a cerca dos Verbos neutros, onde diz assi: *Verba neutra à grammaticis in tria genera diuiduntur: alia sunt, quae actionem significant, Vt ‘Ambulo’, ‘curro’. Alia, quae (sic) passionem ab alio, Vt. ‘Vapulo’, ‘fio’, ‘exulo’. Alia quae nec passionem, nec actionem. Vt, ‘Sedeo’, ‘studio’, ‘sto’, ‘algeo’,*

as observações do jesuíta sobre a história e a cultura do Japão da sua época e das décadas anteriores (2 vols., Macau, 1954-1956); *Nihon Kyokai shi* (Tóquio, 1967-1970). – ALESSANDRO VALIGNANO (1539-1606) com *Catechismus christianae fidei, in quo veritas nostrae religionis ostenditur, et sectae iaponenses confutantur* (Lisboa: António Ribeiro, 1586, reed. 1972. 2010, o qual fora editado em japonês em 1591 e 1592)<sup>37</sup>. – Outras figuras ligadas à cultura nipónica foram ANTÓNIO FRANCISCO CARDIM SJ (1596-1659) e DIDACO DIEGO COLLADO OP (1589-1641), em latim *Didacus Colladus*<sup>38</sup>, que compôs *Grammatica Japonicae Linguae* (Roma, 1631, 1632); *Dictionarium sive thesauri linguae japonicae compendium* (ibid., 1632); *Modus confitendi et examinandi paenitentem japonensem formula suamet lingua japonica*, (ibid., 631, 1632); *Formula protestandae fidei*, (ibid.); *Historia eclesiástica de los sucesos de la cristianidad del Japón desde el año de MDCII...* (Madrid, 1632, 1633); *Dictionarium linguae sinensis cum explicatione latina et hispanica caractere sinensi et latino* (Roma, 1632).

## CONCLUSÃO

Inácio de Loiola nos *Exercícios espirituais* e nas *Constituições* usou o termo “acomodar-se” que seria fruto do humanismo para significar a aproximação, o diálogo com o outro. O grande missionário Gaspar Berze SJ<sup>39</sup> (Goes, Zelândia, Holanda, 1515-Goa, 18.10.1553) escreveu algumas cartas dizendo numa delas que

---

*quae ab alijs supina, à nonnullis absolutiua, ab alijs verò dispositiva appellantur*» (Rodrigues 1604-1608, fol. 69r). Otto Zwartjes diz em nota: «In *Álvares* (1972-1572, 53r) we don't find the same definition: «*Verbum neutrum est, quod, m, vel, o, literis finitum ex se passium persomale non gigni, vt 'Sum', 'Sto', 'Seruio', neque enim dicitur 'Stor', aut 'Seruio'*».

<sup>37</sup> Tornou-se famoso o catecismo de Alessandro Valignano SJ (Chieti, 7.2.1539-Macau, 20.1.1606) que ele procurou adaptar ao país: evidencia o conceito de salvação que é ponto central do budismo japonês; em oito sermões fala das seitas budistas japonesas e suas doutrinas que refuta com vigor. Só nos dois últimos se fala de Cristo e da Trindade. Até ao de Valignano usava-se o catecismo de Francisco Cabral composto entre 1571 e 1578. – Vid. J. F. Schütte, *Valignanos Missionsgrundgesetze für Japan*, 2 vols., Roma, 1951-1958.

<sup>38</sup> Collado entrou para a ordem dominicana em Salamanca por volta de 1600, e em 1619 partiu para o Japão, quando os cristãos aí estavam a sofrer dura perseguição.

<sup>39</sup> G. BERZE desenvolveu um apostolado assinalável em Ormuz entre os cristãos, hindus, muçulmanos e judeus, e actuou também em Goa e na China, considerado por J. Wicki o jesuíta mais importante depois de Xavier na Índia portuguesa do s. XVI. R. GULBENKIAN publicou “Uma carta de Mestre G. B. num manuscrito arménio do séc. XVI”, in *Studia*, Lisboa, 1970, 49-55.

foi redigida na Índia: «O modo que tive de obrar nesta terra e em toda a Índia, o seguinte: ajudo-me de todas las manhas que aprendi para ver se com ellas posso servir tanto a Deus, quanto com ellas tenho desservido; busco todos os meos para edificar e ganhar o próximo. Se hé com bom zello, ou maa zello, Deus o sabe, abasta ser eu maa. Com os que riim, trabalho e rir, com os que cantam, às vezes canto; com os que folgão, às vezes folgo; com os que chorão, trabalho de chorar; finalmente, tomei na cabeça aquilo de Sam Paulo: *Omnibus omnia me feci ut omnes lucrificerem*»<sup>40</sup>. Manuel da Nóbrega praticava a adaptação nas missões do Brasil: aceitava vários ritos dos indígenas, como os seus cantos na liturgia dos defuntos, as danças, a forma de arranjar o cabelo, etc. Francisco Xavier ao chegar ao Japão mudou a forma de se apresentar e adoptou a “segunda maneira”. Cosme de Torres, superior da missão no Japão aconselhou os seus súbditos a comer, a vestir-se e a comportar-se como os bonzos. Valignano deu um incremento enorme na adaptação aos costumes locais<sup>41</sup>. Matteo Ricci, que inculcou a aprendizagem das línguas indígenas, e muitos outros missionários serviram-se das tradições indígenas na sua actividade missionária e nos escritos que elaboraram. A **inculturação** é um conceito novo em vez de adaptação e acomodação, termos demasiado periféricos que não vão ao fundo da essência humana.

O tema do diálogo das religiões, culturas e civilizações adquiriu novo vigor ao longo do séc. xx no contexto das mudanças sociais e filosóficas<sup>42</sup>. Os Papas nas suas encíclicas e o Vaticano II em vários documentos rasgaram caminhos novos, embora tardasse a aparecer a palavra **inculturação**<sup>43</sup>. Foi em 1958 que a revista

---

<sup>40</sup> *Documenta Indica*, 2, 595.

<sup>41</sup> Vid. *Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catanguês do Japão* (1581) e *Sumario de las Cosas de Japón* (1583).

<sup>42</sup> Os novos horizontes foram-se abrindo desde a “*Rerum novarum*” de Leão XIII (1891) até ao presente, em especial nas encíclicas, passando pela “*Mater et magistra*” (1961) e “*Pacem in terris*” de João XXIII (1963), “*Populorum progressio*” de Paulo VI (1967), “*Octogesima adveniens*” de 1971, “*Laborem exercens*” (1981) e “*Sollicitudo rei socialis*” de João Paulo II (1987) às quais podemos juntar as de Bento XVI sobre as relações da doutrina cristã com o poder político e tantos textos da Igreja.

<sup>43</sup> Vid. J. LÓPEZ-GAY, “*Missionología, III. Adaptación e inculturación*”, in *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, op. cit., III, 2703-2705; S. João Paulo II na exortação apostólica “*Catechesi tradendae*”; e as encíclicas “*Pacem in terris*” de 1963 e “*Mater et magistra*” de 1961 de Paulo VI; João XXIII e a “*Populorum progressio*” de Paulo VI; a “*Octogesima adveniens*” de 1971, a “*Laborem exercens*” de 1981, a “*Sollicitudo rei socialis*” de 1987 de João Paulo II sobre as relações entre a doutrina cristã e o poder de Bento XVI; em 1988, a Comissão Teológica Internacional publicou o documento “*A fé e a inculturação*”, preparado pelo Conselho Pontifício da Cultura; documentos papais após a Primeira Guerra Mundial até ao Vaticano II: “*Maximum illud*” (1919),

jesuítica SJ “Razón y Fe” falou de **aculturação** e na semana de missiologia de Lovaina em 1959 este conceito foi tratado em pormenor.

Foi Peter Nemeshegyi que introduziu em 1972 a palavra “Einkulturierung” na Comissão Teológica Internacional. Notável a todos os títulos foi o papel do P. Arrupe, geral da CJ, que deu um impulso significativo a um novo tratamento da **inculturação**.

João Paulo II na exortação apostólica “Catechesi tradendae” (1979) fala pela primeira vez da **inculturação**: «Como dizia recentemente aos membros da Comissão Bíblica, o termo “aculturação” ou “inculturação”, apesar de ser um neologismo, exprime muito bem uma das componentes do grande mistério da Encarnação»<sup>44</sup>.

O encontro com as religiões não cristãs do Oriente pode enriquecer a parte cristã. Há nelas valores altamente positivos que merecem atenção. Os documentos conciliares sobre o ecumenismo e as religiões não cristãs salientam esse ponto<sup>45</sup>.

A **inculturação** é como que uma ponte que facilita o trabalho a fazer no domínio da filologia. Além da sua dimensão espiritual, a missão é um vasto campo aberto ao estudo e à investigação de muitos ramos do saber, sendo a Linguística sem dúvida uma área que oferece inúmeras perspectivas para uma análise rigorosa do valioso património chegado até nós, o qual que contém em si não poucas potencialidades a explorar.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 22 DE MARÇO DE 2012)

---

“Rerum ecclesiae” (1926), “Evangelii praecones” (1951); à UNESCO S. João Paulo II a 2. 6. 1980.

<sup>44</sup> E explicou: «Para isso, a catequese tem de procurar conhecer essas culturas e suas componentes essenciais; apreender as suas expressões mais significativas; saber também respeitar os seus valores e riquezas próprias. É deste modo que poderá propor a essas culturas o conhecimento do mistério escondido e ajudá-las a fazer surgir da sua própria tradição viva expressões originais de vida, de celebração e de pensamento cristãos». (n.º 53). Em 1988, a Comissão Teológica Internacional publicou um documento sobre a fé e a inculturação, preparado pelo Conselho Pontifício da Cultura, cujo o n.º 11 merece uma reflexão especial. A Congregação de Propaganda Fide dizia em 1659: «Não coloquies nenhum zelo, não avanceis nenhum argumento para convencer estes povos para mudarem de rito, de costumes, de tradições, a não ser porque se opõem à religião e à moral» (*Le siège apostolique et les missions*, Paris: Union Missionnaire du Clergé, 1959).

<sup>45</sup> Já Alessandro Valignano, Ricci e outros sublinhavam os pontos comuns que unem o cristianismo às outras crenças. Fróis na 1.ª parte da sua história dedica 23 cap. às religiões do Japão e ao shintoísmo. Mas os mensageiros cristãos não deixam de refutar as mitologias e Valignano refuta as seitas do Japão.